



# TUDO SONHADOR É UM CONQUISTADOR: ANÁLISE DA RESILIÊNCIA DE UM JOVEM EM SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO SOCIAL

Sandra Maria Batista<sup>1</sup>  
Mara Marçal Sales<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A juventude é um período de grandes transformações na vida de todo ser humano. Com isso, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como um jovem que passou várias situações de exclusão social pôde desenvolver a resiliência. Os objetivos específicos envolveram analisar quais foram as situações de exclusão social enfrentadas por ele e como, diante deste contexto difícil, o jovem pesquisado desenvolveu os fatores de proteção durante a sua trajetória. A resiliência é um conceito relativamente novo na área da psicologia. Ela pode ser definida como a capacidade que a pessoa tem de passar pela adversidade de maneira positiva, transformando o sofrimento em possibilidade de crescimento. Para a realização da pesquisa, a metodologia adotada envolveu a realização de um estudo qualitativo que teve como instrumento de pesquisa a história de vida de um jovem negro de 26 anos. A investigação aconteceu na cidade de Belo Horizonte. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados mostraram que a exclusão social colocou o jovem exposto a vários fatores de riscos como a pobreza e violência. Mas através de uma rede de apoio que envolveu a escola, o trabalho, a religião e algumas políticas públicas, ele conseguiu promover a resiliência, se tornando um jovem empresário e empreendedor social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exclusão Social; Juventude; Resiliência.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O sofrimento é uma realidade existencial, pois todo ser humano passa ou já passou por algum tipo de sofrimento ao longo da sua vida. Superar e enfrentar essas adversidades de maneira positiva é um fenômeno que a psicologia tem denominado como resiliência. Segundo Yunes (2003), o conceito de resiliência é relativamente novo no campo da Psicologia. Maldonado, citado por Assis (1999), define as pessoas resilientes como aquelas que conseguem "atravessar" os momentos difíceis da vida sem se desestruturar, "como uma árvore flexível cujos galhos se dobram em um vendaval, mas não se quebram" (ASSIS, 1999, p. 21).

Por ser um período de grandes transformações e descobertas na vida de todo ser humano, esta pesquisa procurou compreender o desenvolvimento da resiliência psicológica na juventude. O estudo teve como foco um jovem que já vivenciou situações de exclusão social em um momento da sua vida.

---

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, educadora social na Fundação CDL Pró-criança.

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel.

O objetivo geral, assim, buscou compreender como este jovem pôde desenvolver a resiliência psicológica em situações de exclusão social. Como objetivos específicos, procurou-se: a) identificar quais foram as situações de exclusões sociais vivenciadas pelo jovem entrevistado e b) analisar os fatores de proteção utilizados por ele diante do sofrimento.

Sobre a exclusão social, Pereira (2009, p. 7) argumenta que “pobreza e exclusão reforçam-se mutuamente, pois a exclusão do mercado de trabalho gera a pobreza, e esta impede do acesso a bens e serviços socialmente importantes”. Durões (2010) também argumenta a respeito desta relação da pobreza e exclusão social:

Existem cada vez mais novas formas de pobreza que proliferam e não se resumem apenas à escassez de recursos materiais. [...] a pobreza também consiste na incapacidade de participar nas atividades sociais e culturais de uma sociedade, pela ação conjunta de fatores como a escolaridade, a idade, incapacidade de utilizar as novas tecnologias e a informação cibernética, entre outros. Foi neste momento, relativamente recente, que surgiu o conceito de exclusão social para identificar as pessoas que permaneciam “fora” do progresso das sociedades modernas. A exclusão social deriva do agudizar das desigualdades numa sociedade (DURÕES, 2010, p. 6).

O interesse por este tema surgiu a partir da experiência de trabalho de uma das autoras como educadora social, o que possibilitou o contato diário com vários jovens que se encontravam em situação de exclusão social. Decorre desta atividade a percepção de que alguns jovens, apesar da dura realidade em que se encontravam, conseguiram sobressair-se de maneira positiva, buscando alternativas para melhorarem a sua qualidade de vida e garantir seus direitos, ao passo que outros, que estão no mesmo contexto social, reagiam de forma negativa, envolvendo-se com a violência.

Conforme dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de jovens no Brasil é estimado em 34 milhões de pessoas, o que corresponde a 20 % da população em geral. Segundo os dados projetados pelo Instituto, 11,61% desses jovens não estudam, não trabalham e são vulneráveis à pobreza e ao risco de violência (IBGE, 2013). Em sentido convergente, Waiselfisz (2013, p. 39) aponta que, muitos desses jovens, “serão os focos prioritários e alvos inquestionáveis da violência homicida no país.” A análise das interfaces que aproximam os temas da juventude e da violência mostra-se, pois, premente no cenário contemporâneo.

## 2 PSICOLOGIA POSITIVA E RESILIÊNCIA

A Psicologia positiva é um campo em expansão e sua contribuição “propõe estimular o desenvolvimento das forças positivas inerentes à pessoa [...]” (CALVETTI; MULLER; NUNES, 2007, p. 710). Ou seja, “trata-se de uma proposta teórica que pretende criar métodos preventivos através do conhecimento dos fatores protetivos [...]” (PALUDO; KOLLER, 2007, p. 14).

Yunes (2003) salienta que ao pleitear uma ciência que destaca as potencialidades humanas, é importante ter uma “seriedade conceitual, teórica e metodológica [...]. Na esteira destas iniciativas, alguns fenômenos indicativos de “vida saudável” têm sido referidos como sistemas de adaptação ao longo do desenvolvimento [...], dentre os quais destaco a resiliência” (YUNES, 2003, p. 76).

A palavra resiliência em latim que dizer *resiliens* que significa voltar ao estado normal. O seu conceito teve origem na física em 1807, através do cientista inglês Thomas Young que fazia experimentos buscando entender a relação entre a força que era sobreposta num corpo e a deformação que este corpo sofria. Ele foi o pioneiro a introduzir a noção de elasticidade e conceituou a resiliência como a capacidade de um material voltar ao seu estado normal, de maneira flexível, depois de ter sofrido uma forte tensão. Nesse sentido “a resiliência refere-se à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica ou permanente [...]” (YUNES, 2003, p. 77). Para a psicologia, “o conceito tem sido utilizado para representar a capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos, mesmo no ambiente desfavorável construir-se ou reconstruir-se positivamente frente às adversidades” (BARLACH, 2005, p. 28).

A Psicologia positiva e a noção de resiliência angariam, na atualidade, progressiva atenção no contexto acadêmico. Há, contudo, críticas a tais enfoques que merecem atenção.

Em primeiro lugar, embora as concepções da Psicologia positiva e da resiliência tenham seu enfoque nos aspectos positivos do desenvolvimento do indivíduo, é importante destacar que para conhecer melhor estas características protetoras individuais, é necessário não deixar de lado o contexto no qual a pessoa está inserida, pois de acordo com Demo (2005, p. 18) “as coletas de traços comuns sempre precisam ser acompanhadas da coleta de traços culturalmente específicos”.

Nesse sentido, para Demo (2005) os pesquisadores da Psicologia positiva, muitas vezes, são incoerentes, ao deixarem de lado os aspectos negativos do indivíduo, que também fazem parte da sua realidade, preferindo seguir como eles gostariam que a realidade fosse. O

autor salienta que “se é importante ver a diferenças entre emoção positiva e negativa, não é menos importante ver o que têm em comum” (DEMO, 2005, p. 25).

Para o autor, as experiências negativas podem proporcionar maior crescimento na vida de uma pessoa do que as experiências positivas, pois elas “[...] ligam-se à defesa ante ameaças externas, no contexto de ambiente facilmente hostil. [Por exemplo] Medo assinala que há perigo à vista; tristeza reflete risco de perda [...]” (DEMO, 2005, p. 21).

O autor lembra também que “emoções positivas possuem dimensão própria certamente e que pesquisas empíricas podem secundar até certo ponto. Entretanto, são ativadas pelo mesmo cérebro e outros órgãos pertinentes, tornando-se irrealistas pleitear tamanho distanciamento frente a emoções negativas” (DEMO, 2005, p. 25).

Já sobre a felicidade Demo (2005) argumenta que:

Em parte, a felicidade é uma construção histórica, depende muito da iniciativa dos interessados e da habilidade de mudar condições dadas, mas, em parte, não é, porque somos tributários de heranças evolucionárias e históricas sobre as quais não temos maior controle. Por exemplo, as emoções são componentes decisivos da existência humana, representam profundezas insondáveis da alma e do comportamento, e não temos sobre elas controle expressivo. Não basta querer ser feliz para o ser. Há desafios que estão além de nossas habilidades e aí urge saber compor-se com os limites, como é o caso do envelhecimento sábio. A pesquisa, por isso, não pode restringir-se a fatores mensuráveis [...]. (DEMO, 2005, p. 33).

Apesar destas ressalvas, os estudos da psicologia positiva mostraram-se pertinentes para os objetivos propostos na presente pesquisa, pois, de acordo com Silveira e Mahfoud (2008, p. 573) “[...] a pessoa sempre mantém a liberdade de se posicionar, a liberdade de escolher o que quer ser dentro das fronteiras que a vida impõe.” Com isso, ao visar os aspectos positivos do indivíduo, o conceito se torna produtivo para a análise proposta, contribuindo para a compreensão dos processos de escolhas e conjunturas que alguns jovens fazem, de maneira resiliente, em situações de exclusão social.

### 3 PROCEDIMENTOS

Esta pesquisa teve como método a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2002), nem sempre a realidade do universo de significados pode ser quantificada. Para a autora, a pesquisa qualitativa pode responder as estas questões subjetivas e particulares, tendo um contato direto com cada pessoa que foi pesquisada.

O modelo de pesquisa e coleta de dados que foi utilizado neste trabalho, foi a história de vida. Trata-se de um método que busca o “saber em participação”, pois tanto o pesquisador

quanto o sujeito pesquisado trabalham a produção de sentido, a história é contada da maneira própria do sujeito que possibilita a fazer uma ligação entre o individual e social (BARROS et al, 2007).

A constituição da história de vida como um método de pesquisa surgiu, segundo Barros e outros (2007), com a obra dos sociólogos W.I. Thomas e F. Znaniecki na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, no início do século XX. Na época, o crescimento da imigração e o desenvolvimento industrial, acarretaram em uma grande desordem social, com o aumento de violência e criminalidade. As contribuições da Escola de Chicago foram muito significativas, pois metodologicamente os pesquisadores buscaram compreender o fenômeno em curso, por meio da realidade dos sujeitos envolvidos.

De acordo com Barros e outros (2007, p. 31) “tais pesquisas se aproximaram da construção da identidade a partir dos relatos biográficos, e procurando-se elaborar a articulação entre o social e o psicológico a partir da trajetória social individual e a inserção no romance familiar”.

Quanto aos procedimentos, no método da história de vida não existe um roteiro padrão a seguir. Segundo Barros e outros (2007, p. 32) “é na especificidade de cada história que vamos encontrar a via a seguir, o modo de trabalhar”, mas é necessário ressaltar que “suscitar uma história de vida se faz em uma relação transferencial”.

A pesquisa aconteceu na cidade de Belo Horizonte no primeiro semestre de 2015. O jovem escolhido para pesquisa é do sexo masculino, negro e tem 26 anos. Chegou-se a ele através da indicação de terceiros que conheciam sua trajetória de vida. O entrevistado recebeu e assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – documento que registrou seu aceite e também os parâmetros éticos observados. Neste termo estava indicado que a participação do jovem seria voluntária e que as entrevistas seriam gravadas e transcritas.

Os dados coletados foram submetidos a uma análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977, p. 42) é considerada, como “um conjunto de técnicas de análise dos meios de comunicação, que busca através da descrição dos conteúdos sistemáticos e objetivos das mensagens, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mesmas”. A construção das categorias de análise foi realizada em diálogo com o referencial teórico que norteou a realização da pesquisa.

## 4 RESULTADOS

Neste momento, serão apresentados e analisados os dados obtidos por meio da história de vida. A fim de preservar a identidade do jovem, será utilizado o nome fictício de Anderson, sugerido pelo próprio entrevistado.

Anderson é um jovem que nasceu numa família composta pelos seus pais e mais três irmãos. Ele é o caçula de dois homens e uma mulher. Junto com sua família, cresceu em uma favela de Belo Horizonte, marcada por grande desigualdade social. Durante a sua infância e adolescência, vivenciou diversas situações penosas e de exclusão social, como a pobreza, a violência e os preconceitos. Diante deste cenário arriscado e difícil, ele desenvolveu vários fatores de proteção, tendo como apoio a escola, o trabalho e a religião. Conseguiu, assim, ainda jovem, torna-se um empresário bem-sucedido e empreendedor social. A história dele demonstra um caso de resiliência, pois ele transformou de maneira positiva o sofrimento em possibilidades de crescimento.

### 4.1 A exclusão social como fator de risco

A história de vida recolhida nesta pesquisa é de um jovem que morou no Morro das Pedras, uma região pobre, vulnerável, com índice significativo de violência, sobretudo associada ao tráfico de drogas:

Eu vim do Morro das Pedras [...]. Quando eu era bem pequenininho, a gente morava lá no Morro das Pedras, estava iniciando né, mas já tinha muitos moradores lá, a nossa casa era uma...uma casinha de tábuas né, de três cômodos. (ANDERSON).

Segundo os dados da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL), no início dos anos 1960, o Morro das Pedras era um aterro sanitário de Belo Horizonte. Levantamento realizado pela instituição mostra um quadro de grande vulnerabilidade da região na atualidade:

[...] os principais problemas indicados foram: precariedade na rede viária; condições inadequadas de saneamento; necessidade de implantação e finalização de parques; inclusive do “antigo Lixão” e o da “Pedreira”; carência de áreas de lazer e de reforma nas praças existentes; precariedade, adensamento e situação de risco de moradias; necessidade de implantação e reforma de posto de saúde; dificuldade de acesso às ações de saúde; pouco alcance da política preventiva de saúde; falta de creches e centros de apoio para crianças e adolescentes; carência de educação infantil; baixa escolaridade da população desempregada; falta de capacitação profissional; índice elevado de analfabetismo; dificuldade em superar o problema da violência e do trá-

fico de drogas. (COMPANHIA URBANIZADORA DE BELO HORIZONTE, 2004)<sup>3</sup>.

Para o entrevistado, a favela é vista e tratada, muitas vezes, como um lugar à parte pela cidade:

[...] o pessoal vê a periferia como outro mundo, e às vezes, quando eu vejo isso, eu olho e fico pensando, porque eles enxergam como outro mundo, mas, eu vim foi de lá, né? E, às vezes, eles têm que sentar pra me escutar falando uma pessoa que veio de um mundo que eles falam, pensam que... não tem quase ninguém ali. (ANDERSON).

Sobre estas relações de preconceitos e exclusão dos moradores das favelas, Nogueira (2004) aponta:

As favelas estão na cidade como na Banda de Moebius<sup>4</sup>, estando dentro e fora ao mesmo tempo. Seus moradores vivem na cidade, mas de forma restrita, tanto que apenas o fato de declararem seus endereços fecha portas e distancia perspectivas de acesso ao trabalho [...]. As favelas fazem parte da cidade, mas essa parte é muitas vezes entendida como a parte relegada e resumida à miséria, à precariedade, à violência e à criminalidade generalizada. Parte-se a cidade empurrando para apenas uma dessas partes a causa e o locus dos problemas urbanos [...]. (NOGUEIRA, 2004, p. 187).

Outra questão importante de mencionar sobre a história do entrevistado é a discriminação racial por ele vivenciada. Anderson percebe essa situação como obstáculo em vários momentos da sua vida:

Só que tem um fator que é primordial e dificultador na minha vida que sempre apareceu no meu caminho que foi a minha raça, né, como eu sou um jovem da classe negra [...] (ANDERSON).

Sobre as dificuldades que a população negra vivencia no Brasil, Waiselfisz realizou, em 2014, um diagnóstico sobre a violência, que verificou um aumento de 111% de vitimização de jovens negros. Morrem proporcionalmente 73% mais negros que brancos. Estas vítimas são do sexo masculino e moradores de periferias. E acrescenta o autor:

[...] A pesquisa domiciliar do IBGE de 2011 é clara sobre as possibilidades diferenciais de acesso a serviços privados de melhor qualidade: as famílias negras tinham

---

<sup>3</sup> Grifos do autor.

<sup>4</sup> De acordo com Nogueira (2004, p. 187) “a *banda ou fita de Moebius* é um objeto topológico que pode ser construído fazendo-se uma meia torção em uma fita, de papel, por exemplo, e unindo-se as duas extremidades de forma que obtém-se uma superfície que, ao contrário do que se espera, não apresenta dentro e fora (ou direito e esquerdo) ou dois lados, mas um apenas.”

uma renda média de R\$ 1.978,30 e as brancas, de R\$ 3.465,30, isto é, 75,2% a mais. Em teoria, os setores e áreas mais abastadas, geralmente brancos, têm uma dupla segurança e os menos abastados, das periferias, preferencialmente negros, têm que se contentar com o mínimo de segurança que o Estado oferece [...]. (WAISELFISZ, 2014, p. 185).

Em relação a sua convivência familiar na infância, Anderson conviveu com várias situações de violência. Inicialmente, a violência estava presente no contexto intrafamiliar do entrevistado:

A nossa infância foi um pouco complicada né, como a maioria do pessoal da comunidade... ao passar por muitas dificuldades ... e o meu pai, ele era alcoólatra, e devido ao fato dele beber, ele tinha muita questão de agressão com a minha mãe e com a minha irmã, com a gente... isso foi no decorrer de um período desde a nossa infância. (ANDERSON).

Assis e outros (2004, p. 44) citam que “a violência cometida por pessoas de quem a criança ou adolescente espera amor, respeito e compreensão é um importante fator de risco que afeta o desenvolvimento da auto-estima, da competência social e da capacidade de estabelecer relações interpessoais”.

Na história de Anderson, além das agressões físicas, outro tipo de violência se fazia presente: a negligência. Os cuidados com os filhos ficavam a cargo da filha primogênita, nove anos mais velha que o entrevistado:

Como a minha mãe trabalhava fora, de faxina né, todos os dias, ela saía bem cedo e chegava bem tarde, o meu pai quando ele não trabalhava mais, ele não cuidava da gente. A gente foi praticamente criados pela minha irmã, a minha irmã ela atualmente tem 35 anos e ela é minha irmã mais velha. E essa irmã nossa que criou a gente [...]. (ANDERSON).

Depois, a violência se fez presente através do envolvimento do irmão com o tráfico, o que tornou o ambiente familiar bem mais vulnerável e arriscado:

Aos 7 anos aconteceu um fato muito complicado na nossa família, né? Meu irmão começou a envolver no mundo da criminalidade no Morro das Pedras [...]. E isso foi complicando porque, às vezes, que a minha mãe conseguiu identificar isso, foi quando o meu pai estava agredindo a minha mãe muito. E aí quando o meu pai saiu e voltou mais bêbado que já estava, quando ele ia agredir a minha mãe, o meu irmão tirou o revólver da cintura... e ali foi onde que a minha mãe viu que o meu irmão estava envolvido com a criminalidade, e o meu irmão foi e mostrou esse revólver pro meu pai. Depois disso a nossa vida mudou, mudou pelo... pelo fator negativo, por conta que a gente ficava com medo, mas isso eu tinha 7 anos e o meu irmão tava com 12 anos, ele era muito novo [...]. (ANDERSON, 2015).

É perceptível, no relato de Anderson, que a entrada do irmão na criminalidade é um momento crítico em seu contexto familiar em decorrência do perigo que toda a família passou a enfrentar. Este evento fez com que todos tivessem que se organizar em torno disso:

[...] a gente entendeu que o meu irmão tinha se transformado em um marginal, que a gente chamava antigamente de bandido, e nisso aí a gente teve que reorganizar a nossa vida, principalmente eu, porque eu rodava a favela toda, então, por conta que quando você tem um irmão na guerra, você tem que saber onde você vai, tem lugar que você pode entrar e tem lugar que você não pode entrar. Tem certos horários que você tem que andar de uma certa forma, porque na favela tem guerra, né? Então, quando tá na guerra... é ... um parente geralmente pode sofrer uma agressão, você pode até ser assassinado pela gangue rival do seu parente. (ANDERSON).

O irmão de Anderson passou a se envolver, cada vez mais, com a criminalidade:

E a gente foi crescendo... aí o meu irmão foi envolvendo cada vez mais e mais na criminalidade [...]. E vida que se segue e sempre observando o meu irmão entrando e saindo com droga, com dinheiro, a minha mãe preocupada, chorando e o meu pai alcoólatra [...]. Esse meu irmão, certa vez, ele foi preso e foi uma questão muito pesada pra gente [...]. E a polícia invadiu a nossa casa e revirou tudo caçando ele e a gente ficou naquela questão, né, não podendo fazer nada [...]. (ANDERSON).

Diante desta grave situação, Anderson demonstra uma grande preocupação em relação ao rumo da sua vida. Ao observar o irmão, ele sinaliza o que não queria para si:

E aí ele ficou perigoso pra gente, aí a gente ficou preocupado, onde eu tive mais ainda que ficar preocupando como e onde eu ia, preocupando com o caminho que eu tava levando a minha vida. Certa vez, a gente tava numa delegacia onde meu irmão tava preso, e aí foi uma cena muito chocante pra mim, porque eu vi ele algemado no chão todo machucado, todo inchado porque tinha tomado uma surra pesada, aí eu fiquei observando e fiquei olhando... e aí que eu vi que já não gostava dessa vida aí que eu não quis mesmo isso pra minha vida... e perguntando né, se o meu irmão ia morrer, se a nossa família ia ser mais uma família igual as estatísticas fala né, e aquilo me incomodou demais. (ANDERSON).

De acordo com Melo e outros (2007, p. 92), a violência é definida “como qualquer situação em que um ator social perde a sua condição de sujeito frente a outro, sendo então rebaixado à condição de objeto”.

Diante do envolvimento do irmão de Anderson com a criminalidade, ele e seus familiares ficaram expostos às situações de perigo sem nada poder fazer:

Eles invadiram a nossa casa, atiraram na casa toda, e aí, balearam o meu irmão. Balearam os meus dois irmãos, né, um foi alvejado com seis tiros e o outro com dois tiros [...]. Porque na comunidade é muito desse jeito, se você tem um familiar que é envolvido na criminalidade certo, certo que você pode esperar que a sua casa vai ser

invadida ou então vai chegar um comunicado que o seu familiar foi assassinado. E aí entraram na minha casa e fizeram a baderna [...]. (ANDERSON).

Tal quadro fez com que sua família se retirasse do Morro das Pedras:

[...] mas isso foi uma tragédia, ficamos com pânico... toda vez que um cachorro latia a gente já tava pensando que alguém ou nossa casa tava sendo invadida e aí a gente teve que sair, teve que ir embora da comunidade. É nessa ida nossa de ir embora, os meus irmãos estavam no hospital, um ainda no CTI<sup>5</sup> porque tomou seis tiros, o que era envolvido no crime e o outro que não tinha nada a ver que tomou dois tiros, aí quebrou a perna e quebrou o braço, mas tava no hospital em recuperação, né... (ANDERSON).

Com isso, depois que Anderson teve que mudar do Morro das Pedras, aconteceu outra forma de violência que foi o abandono do pai: ele saiu de casa e, depois de um tempo, passou a morar nas ruas:

Meu pai sumiu, amigos sumiu, todo mundo ficou pra trás [...]. E a casa que a gente tinha no Morro das Pedras o meu pai vendeu por um valor irrisório de R\$1.000,00, né, [...]. E ele saiu também corrido e “sumiu no mundo” [...]. O meu pai... o fato que foi pesado, foi que nessa época a gente descobriu que ele era morador de rua... então, ele ficou dois anos morando na rua, até uma época que eu comecei a conseguir achar ele, então, ele dormia bastante em frente ao João XXIII, então, eu sempre ia lá atrás dele conversava com ele [...]. (ANDERSON).

De acordo com Poletto e Koller (2008, p. 409), os “fatores de risco relacionam-se com eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”. Não obstante, as autoras argumentam que, embora seja notável que estas situações de exclusão social são prejudiciais, o impacto deste risco na vida da pessoa dependerá do seu comportamento e dos seus mecanismos de proteção.

Nesse sentido, percebemos que Anderson utilizou de vários mecanismos de proteção diante dos acontecimentos de risco aos quais ficou exposto. A seguir, será apresentada a promoção da resiliência em sua trajetória.

#### **4.2 Promoção da Resiliência no contexto social**

A capacidade de transformar uma situação de sofrimento em possibilidade de crescimento pode ser constatada na história de Anderson:

---

<sup>5</sup> Centro de Terapia Intensiva.

Então, acaba que eu tenho a experiência da periferia, eu tenho a experiência da rua que meu pai viveu... e isso aí me faz ser um jovem... diferente da média... muito diferente, porque tenho o conhecimento do sofrimento e eu sei usar isso ao meu favor pra conseguir alcançar os meus objetivos. (ANDERSON).

O que favoreceu a promoção da resiliência na vida de Anderson foram os vários fatores de proteção que ele foi desenvolvendo ao longo de sua trajetória, através da sua rede de apoio e da atuação de algumas políticas públicas.

Um primeiro ponto a ser destacado no processo de resiliência de Anderson é a inconformidade com sua realidade e a busca de outras perspectivas em relação ao futuro:

Sempre me aguçou a questão de como ia ser o meu futuro, né. Porque um jovem de comunidade não tem muita perspectiva de vida. Porque a realidade que a gente vê, é que... só o pessoal da periferia, pessoal que tem um barraco ali, tem uma casinha aqui, nada mais. Quando se tem algo diferenciado é uma bicicleta, porque na nossa favela, não tem né como se ter um carro. E era uma questão que eu me discutia muito, como que eu vou ter um veículo automotivo sendo que o local que eu moro é uma escada, um beco? Então, sempre me perguntei internamente por isso. (ANDERSON).

Outro momento que podemos identificar este inconformismo de Anderson foi quando, na sua adolescência, ele precisou trabalhar como auxiliar de limpeza:

Ah, de auxiliar de limpeza?! Quem é um auxiliar de limpeza? Não é ninguém na vida, não! O auxiliar de limpeza é só pra limpar o chão e lavar banheiro... só assim que eles te vê... eles podem te dar outra função, mas dentro da sua carteira e no final do mês o seu salário era aquele... e o meu salário era R\$350,00. Como que uma pessoa que ganha R\$350,00 vai viver com isso?! É um absurdo! Eu tô falando isso em anos de 2006... Então, eu não nasci pra ganhar R\$350,00, tem pessoas que podem ter nascido, mas eu não nasci pra isso e eu sabia disso veemente! E... dentro de mim, também gritava, né... então, eu sempre escutei o meu interior. (ANDERSON).

Além disso, o jovem faz questão de mencionar que ele abandonou esta função, por enxergar maior potencial em si:

O único serviço que eu tenho cadastrado na minha carteira [...] tá escrito lá como auxiliar de limpeza, e o motivo do desligamento da empresa foi abandono da função. E aí, eu sou muito feliz quando eu leio isso, esse escrito na minha carteira, porque ali eu vi que eu fiz a coisa certa! Tem pessoas que preocupa, né, com uma frase dessa na carteira, pra mim isso é uma alegria saber que eu não continuei a ser um funcionário... [...]sem desmerecer ninguém que é funcionário, mas onde que as atividades que eu fazia... eu não conseguir fazer, sendo aquilo que o meu potencial me instigava o tempo todo. (ANDERSON).

Segundo Gallende citado por Barlach (2005, p. 68), a pessoa resiliente não aceita reproduzir as condições existentes em seu contexto, pois, “sua ambição cria o imaginário de

uma mudança possível e isto já o modifica como indivíduo e, por sua vez, causa impacto sobre o grupo imediato e assinala os comportamentos práticos para enfrentar a adversidade e suas imposições”. Isso é identificado no relato de Anderson:

Quando eu olho pra trás, quando eu vou na comunidade, quando estou nas comunidades conversando com a meninada, eu não vejo, é raro vê um... um jovem com potencial, como eu fui, como eu sou... converso com eles, eles falam: “ah isso é distante pra mim”, em questão de ter uma empresa é muito longe, eles enxergam isso muito longe... faculdade então... mais longe ainda... então, o pessoal tem uma ideia na mente deles., que ele não vão conseguir, não tem condições, faculdade é pra rico, ter um negócio então, tá milionário. E isso, foi uma questão que eu nunca deixei isso me parar... eu lidei com isso, isso apareceu na minha frente, dentro da minha casa a minha família sempre me achava que eu era meio perturbado da cabeça, porque eu sempre estava escrevendo e estudando, tentando fazer alguma coisa diferente. Só que acabou, que hoje eles veem que deu certo, né, eles veem que eu alcancei muita coisa que... eu sou o único da família... e o único no meio até de convívio deles que faz o que eu faço [...]. (ANDERSON).

Ainda sobre esta perspectiva, Gallende citado por Barlach (2005, p. 68) argumenta, que “o sujeito resiliênte não é um adaptado e, menos ainda, um inadaptado; é um sujeito crítico de sua situação existencial, capaz de apropriar-se dos valores e significados de sua cultura que melhor sirvam à realização de seu próprio anseio ou ambição. ” Nesse sentido, Anderson ao falar de seus pais, reconhece as limitações, mas valoriza as características positivas que eles possuíam:

Minha mãe era uma pessoa muito sistemática, ela sempre gostou do certo, ela nunca concordou com as questões de roubar, com alguma coisa que não fosse legal, ela sempre gostou das coisas muito corretas. O meu pai mesmo que ele era um alcoólatra, ele também era sempre certo com as coisas dele na medida do possível. [...] eu falo que a sabedoria que eu herdei foi do meu pai, a sabedoria da nossa família, eu e meus irmãos, a gente herdou foi do meu pai. E a garra de trabalho foi da minha mãe, então, casou os dois. Então, mesmo o meu pai sendo um alcoólatra, quando ele tava sã, ele era um pai que o conselho dele era um dos melhores que tinha. (ANDERSON).

Com isso, Barlach (2005, p. 68) salienta que “a resiliência é passível de definição enquanto ‘releitura da realidade’ pelo indivíduo que enfrenta a adversidade – ou trauma – ou vive condição de risco no sentido de produção de novos sentidos, criação de novas soluções ou referências”.

A maneira como Anderson promoveu a resiliência em sua história, mostra que diante de cada situação difícil vivenciada, ele conseguiu enxergar algo positivo, produzindo e reconhecendo vários fatores de proteção diante das situações de exclusão social.

### 4.3 Alguns aspectos sociais que favoreceram os Fatores de Proteção

De acordo com Amparo e outros (2008), a resiliência pode ser identificada por três dimensões: a acadêmica, a social e a emocional:

A resiliência acadêmica caracteriza-se pela construção do conteúdo acadêmico de forma saudável e funcional, podendo ser observada pelo bom desempenho escolar, pelo interesse da escola e do estudante em construir e implementar novas estratégias de ensino-aprendizagem [...]. A resiliência social caracteriza-se pela construção saudável de aspectos interativos como amizades, aspectos morais pró-sociais e competência social [...]. Já a resiliência emocional caracteriza-se pelo sentimento de auto-eficácia, autonomia, auto-estima, confiança em suas potencialidades e o conhecimento de suas limitações [...]. (AMPARO et al. 2008, p. 166)

Estas dimensões da resiliência citadas pelos autores são observáveis na história do jovem estudado. Inicialmente, ao contar a sua história, é possível notar que Anderson, desde sua infância, teve um grande empenho em relação aos estudos:

[...] gostava de estudar bastante, sempre gostei de estudar, isso também foi um diferencial né, desde que eu era pequeno, eu me destacava pela iniciativa com tudo e com todos. (ANDERSON).

Anderson também demonstrou em seu relato um forte desejo e determinação em fazer faculdade, tendo isso como um projeto de vida:

Eu queria estudar, eu queria fazer uma universidade, eu queria ter o meu negócio, porque eu sempre trabalhei por conta própria, então, eu sempre sonhava em ter uma empresa, em ter o meu negócio [...]. Tava com dezesseis, tava indo do 1º para o 2º ano, e aí eu comecei a preocupar, já com o ensino médio e com a minha faculdade, né, porque eu não tinha uma condição financeira para pagar a faculdade e eu preocupava muito, desde da infância, como que eu ia fazer pra pagar a minha faculdade e estudar... como que ia ser a minha vida acadêmica?! Porque eu sabia que a faculdade ia ser um pulo pro meu futuro [...]. (ANDERSON).

Depois de muito esforço, Anderson conseguiu ingressar numa faculdade privada com meia bolsa do Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e mais meia bolsa da faculdade:

Eu tava trabalhando uma certa vez, em um Clube com um pessoal e esse pessoal me instigou a ir pra faculdade né, falou comigo que eu ia conseguir uma bolsa, eu tinha conhecimento da bolsa na época, mas só a bolsa do Pró-Uni, eu não tinha conhecimento de outras bolsas, não sabia, não entendia que existia outras bolsas dentro da faculdade. Até que eu fui pra faculdade, fiz a minha inscrição e comecei a correr atrás da bolsa, pedia um pedia outro, e ninguém me dava uma resposta, mas eu pedia muito, aqui e ali. Passei dois meses pedindo bolsa, todo dia eu ia no setor, até que eu conheci uma professora que me indicou pra um rapaz que... acabou que esse rapaz viu o meu trabalho na faculdade e me deu a bolsa... (ANDERSON).

Cabe apontar a importância das políticas públicas de inclusão no ensino superior, como tentativas de redução da desigualdade social. De acordo com Cunha e outros (2014), o Brasil teve um notável crescimento no ensino superior na última década. Hoje, existem vários modelos de políticas afirmativas que visam o ingresso de pessoas que têm baixa renda ou que são discriminadas por raça/etnia. São programas como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o PROUNI que adotam cotas sociais e raciais em seus critérios de concessão de benefícios. É perceptível na história de Anderson que as políticas públicas institucionalizadas nos sistemas educacionais tiveram um papel importantíssimo no seu desenvolvimento.

Outro fato interessante na vida de Anderson é a relação que ele faz dos estudos com o trabalho para enfrentar as suas dificuldades. O jovem teve várias experiências de trabalho, utilizando de sua criatividade para atuar como autônomo. O entrevistado mostra orgulho em contar sobre estas experiências, atribuindo sentido e valor em ser trabalhador, enxergando oportunidades em várias situações:

[...] A primeira vez que eu trabalhei, eu vendia verdura, sempre trabalhei como autônomo, né, como já falei, eu vendia papagaio, eu vendia verdura, vendia chup-chup, vendia picolé, então tudo que podia dar dinheiro dentro da comunidade eu tava envolvido, mas de forma legal [...]. E aí eu comecei a trabalhar numa gráfica, né, eu cortava papel lá e ajudava a fazer carimbo, aí eu pedi um rapaz pra fazer um cartão pra mim, eu tinha 14 pra 15 anos, e aí comecei a entregar os meus cartões, né, e aí comecei a entregar os cartões com os panfletos e eu tinha uma clientela muito bacana, é onde que o pessoal sempre me ligavam, aí eu entregava panfletos pra eles. Estudava de manhã e aí na parte da tarde eu ia pro sinal e ficava entregando panfletos até 17:20, voltava pra casa, aí fazia meu para casa e arrumava minhas coisas pro dia seguinte. (ANDERSON).

Com isso, o jovem conta que trabalhava desde cedo para manter suas necessidades pessoais e, também, para ajudar em casa:

Mas, eu tinha a questão de ter um dinheiro no bolso, pra poder sanar os custo da minha vaidade, né, porque eu fui um jovem muito vaidoso [...]. Eu sempre ajudei na minha casa desde dos 12 anos. (ANDERSON).

De acordo com Yunes, Garcia e Albuquerque (2007, p. 450) “o trabalho, nesse sentido, serve como afirmação pessoal e social positiva diante das desigualdades [...] percebido como um compromisso moral num sistema relacional de ajuda e troca dentro da família.” No entanto, vale ressaltar que o trabalho infantil é ilegal, mesmo que as crianças e adolescentes produzam ou trabalhem em atividades que contribuam para o próprio consumo. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é proibido o trabalho a menores de 14 anos, exceto na condição de aprendiz (BRASIL, 1990).

Retomando a proposta de Amparo e outros (2008) sobre as dimensões da resiliência, citaremos sobre a segunda perspectiva: a resiliência social. Sobre ela, é importante aludir à busca pelo apoio religioso que Anderson teve para enfrentar as situações difíceis. Em seu relato é possível perceber que ele sempre foi uma pessoa de fé:

[...] e sempre acreditando... uma coisa que eu sempre tive comigo e nunca perdi foi a fé... e a fé sempre me movia, sempre me dava esperança que uma hora eu ia acertar o alvo [...]. E na minha infância eu sempre fui um rapaz muito religioso. [...] todo domingo tava indo à Igreja pra pedir a Deus força e direção pra tá realizando o meu sonho. (ANDERSON).

Segundo Bianchini e Dell’Aglío (2006) a busca de apoio religioso tem se tornado um importante recurso frente a situações difíceis, pois, a crença religiosa quando é adicionada às características positivas de personalidade, exerce, segundo as autoras, importante função no processo de superação nas dificuldades.

Outra dimensão da resiliência social são os processos de socialização e interação. De acordo com Nogueira (2004), o sentimento de pertença à família é uma das bases para a formação da identidade, mas a comunidade também é muito importante neste processo de socialização.

Wirth citado por Moura (2010, p. 21) “nos fala sobre os laços afetivos construídos nos lócus urbanos, laços esses que nem sempre são consanguíneos, mas pressupõem uma afinidade, e que por vezes substituem os laços parentais”. Segundo a autora, devido a esses laços afetivos, “a favela, ao mesmo tempo em que carrega um estigma, é também motivo de orgulho para alguns moradores ao identificarem a sua origem” (MOURA, 2010, p. 21).

Com isso, é importante citar a forma como Anderson fala de sua família e da comunidade, demonstrando um grande sentimento de pertencimento:

[...] a gente cresceu ali, por mais que a nossa casa era muito simples, mas a gente tinha um lote grande e eu fazia muitas coisas ali, eu tinha a minha turma quando eu era pequeno, então, eu fazia carrinho de rolimã, toda a minha vida foi feita ali [...]. Eu nunca esqueço as raízes né... porque a gente que veio da comunidade, você pode estar onde que for [...] você nunca esquece de onde que você veio. (ANDERSON).

A respeito da sua resiliência emocional, a terceira dimensão da resiliência citada por Amparo e outros (2008), Anderson mostrou ter uma boa percepção sobre suas competências, com uma elevada autoestima:

Desde de pequeno eu me destacava pela iniciativa [...]. Eu sempre fui criativo [...]. Eu era muito perfeccionista com minhas coisas [...]. Eu não consegui fazer, sendo

aquilo que o meu potencial me instigava o tempo todo. [...]. E dentro da faculdade uma coisa que eu via nitidamente, que eu era totalmente diferente dos universitários que tinha lá, porque eu sou um sonhador né... e uma frase que eu gosto muito é que “todo sonhador é um conquistador” ... ninguém conquista se não sonhar, e isso aí eu faço de sobra, projeto muitas coisas e eu corro atrás disso [...]. (ANDERSON).

De acordo com Amparo e outros (2008, p. 172) a autoestima é um fator importante de proteção individual, que “é um conceito complexo e está relacionado à saúde mental ou bem-estar psicológico e sua carência se relaciona com certos fenômenos mentais negativos como depressão e suicídio”. Nesse sentido, é explícita no relato do jovem entrevistado a sua elevada autoestima, pois ele sempre fala de si mesmo de maneira muito positiva destacando suas qualidades.

Com muito esforço e dedicação, o jovem entrevistado graduou-se em Educação Física, realizou uma pós-graduação em Gestão de negócios e estava, no momento da pesquisa, se empenhando para fazer mestrado em Gerenciamento de Projetos. Anderson trabalha como autônomo, desenvolvendo vários projetos educacionais para as escolas municipais e estaduais. Além de ser empresário, tornou-se um empreendedor social criando uma ONG<sup>6</sup> em que ele realiza muitos eventos e atividades sociais, atendendo diversos públicos. Com isso, ele e sua família conseguiram melhorar suas condições de vida:

Agora eu estou batalhando para poder ampliar né, a minha empresa... graças a Deus ajudo minha mãe... meu pai saiu da rua, meu pai parou de beber [...]. E eu tenho muito orgulho do meu pai hoje, porque hoje eu vejo que ele se tornou uma pessoa melhor, né. Não é uma pessoa mais agressiva de antes, é um pai conselheiro [...]. E hoje meu irmão virou um atleta paraolímpico [...]. Então, a família está encaminhada. E hoje a gente senta, várias vezes, em vários lugares para contar a nossa história, pra servir de motivação pra as pessoas, pra as pessoas saber que... não é sofrer, desistir e reclamar, ficar murmurando não, é sofrer e pegar aquele sofrimento e fazer daquilo combustível pra você alcançar os seus objetivos. Enquanto você vai estar respirando, enquanto você vai estar abrindo o olho todos os dias, você tem um motivo pra sonhar e correr atrás e pra batalhar... e todo sonhador vira um conquistador. (ANDERSON).

As ações que Anderson realiza hoje estão direcionadas para a educação e assistência social. É interessante notar que isto está relacionado com sua história de vida, pois ele participou de vários projetos sociais que contribuíram para a sua formação:

[...] comecei a trabalhar em vários projetos sociais, Escolas Abertas, Escola Integrada, Fica Vivo, Segundo Tempo, Amigo da Escola... tudo que tava envolvido com educação e escola, eu tava me envolvendo. Dava palestras pros meninos, de correr atrás e não desistir, essas questões... (ANDERSON).

---

<sup>6</sup> Organização Não Governamental.

Silveira e Mahfoud (2008, p. 574) também salientam que “muitas pessoas, diante de um fato traumático, lançam-se para fora de si (autotranscendência) em direção ao altruísmo e ao testemunho”. Isso é outro ponto a ser destacada na história de Anderson, a forma como ele busca ajudar os outros, principalmente, as localidades vulnerabilizadas:

Hoje vou nas comunidades, continuo indo, né, nas periferias, vou lá fazer os trabalhos com o pessoal [...], vou lá fazer uma rua de lazer [...]. E aí ajudava as pessoas a fazer escolhas que poderiam melhorar a suas vidas dentro da comunidade. Que eu sempre mirei bastante, sempre frisei bem a comunidade. (ANDERSON).

Concluindo, é necessário destacar os apontamentos de Assis (1999), para quem a trajetória – mesmo que resiliente – deixa marcas: “embora [estes jovens] tenham buscado caminhos não violentos e diversos daqueles dos trilhados por seus parentes infratores, isto não significa que não tenham sido marcados profundamente pelos difíceis momentos que passaram na vida” (ASSIS, 1999, p 2002). Anderson, por exemplo, identifica a persistência da discriminação racial em sua trajetória:

Como eu sou um jovem da classe negra... ela sofre um pouco com a questão do preconceito, ainda mais na área que eu mexo, que eu falo que é a área de negócios. Geralmente não tem, é raro você vê um negro de sucesso... vindo da comunidade então... é um em milhão! E foi uma questão que me incomodava, mas eu não deixava isso me abater mediante a situação, porque... o não a gente já tinha né... então, às vezes eu ia em certos lugares negociar, as pessoas me olhavam e já faziam um julgamento, só que eu tinha que mostrar duas vezes mais o meu potencial, tinha que mostrar que eu era melhor. E isso aí eu sempre fiz e venho fazendo até hoje [...]. (ANDERSON).

O relato do jovem mostra que mesmo que a pessoa desenvolva a resiliência, ela não ficará livre das dificuldades e sofrimentos. A resiliência, neste sentido, não está imune às injunções sociais e nem, tampouco, é uma prerrogativa individual. Da mesma forma, também não há uma regra pronta de como se pode desenvolver a resiliência: ela se concretizará a partir do sentido que cada pessoa atribui para a sua história e os limites que enfrenta.

A presença de tantos aspectos atuantes na conformação da resiliência vai ao encontro do que é apontado por Rodríguez citado por Barlach (2005, p. 69), “a resiliência é um conceito fácil de captar, mas difícil de definir [...] não é possível fazer uma lista de fatores que aumentaria a probabilidade de resiliência, porque o desenvolvimento da mesma depende do risco ou vulnerabilidade particular”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho observamos que o contexto social é fundamental para a promoção da resiliência. Neste sentido, é imprescindível apontar os apoios sociais que o jovem da pesquisa teve para promover seus mecanismos de proteção, como a escola, o trabalho e a religião. Vale ressaltar que suas características pessoais também foram muito importantes para o processo da resiliência, assim como a inconformidade com sua realidade e um forte anseio de realizar um projeto de vida.

Consideramos que o estudo realizado se limita a uma pequena parcela do tema em questão. A partir do que analisamos, muito há de ser pesquisado na busca da compreensão do desenvolvimento da resiliência de jovens em contexto de exclusão social.

E, ao finalizar, salientamos que a perspectiva da resiliência poderia dialogar ou ser mais conhecida pelas políticas públicas que trabalham com a juventude, visto que elas têm um papel importantíssimo para a promoção da resiliência.

## REFERÊNCIAS

AMPARO, Deise Matos et al. **Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção.** [S.l.]: Rev. Estudos de Psicologia, p. 165-174, 2008.

ASSIS, Simone Gonçalves. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.

ASSIS, Simone Gonçalves et al. **Violência e representação social na adolescência no Brasil.** Rio de Janeiro: Rev. Panam Salud Publica, n. 16, p. 43-51, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Ed. Edições 70, 1977.

BARLACH, Lisete. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, USP. São Paulo.

BARROS, Vanessa Andrade de et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida.** Mosaico. Belo Horizonte: Rev. Estudos em Psicologia, v. 1, p. 25-36, 2007.

BIANCHINI, Daniela Cristina Silva; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Processos de resiliência no contexto de hospitalização: um estudo de caso. Porto Alegre: **Paidéia.** n. 16, p. 427-436, 2006.

BRASIL. (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal 8069/1990.** Brasília: Diário Oficial da União.

CALVETTI, Prisca Ücker; MULLER, Marisa Campio; NUNES Maria Lúcia Tiellet. **Psicologia da saúde e psicologia positiva: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Rev. Psicologia Ciência e Profissão, 27 (4), p. 706-717, 2007.

COMPANHIA URBANIZADORA DE BELO HORIZONTE. **Plano global específico: Morro das Pedras**. Disponível em: <[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&lang=pt\\_BR&pg=5580&tax=43420](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&lang=pt_BR&pg=5580&tax=43420)> Acesso em: 15 de mar. 2015.

CUNHA, Luís Carlos Vieira da et al. Políticas públicas de incentivo à educação superior brasileira: acesso, expansão e equidade. **Rev. de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística**, v.1, n. 4, dez. de 2014.

DEMO, Pedro. **Auto-ajuda: uma sociologia da ingenuidade como condição humana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

DURÕES, Eliana. A Pobreza e a exclusão social. Trabalho de Fontes Informação Sociológica, **FEUC**. Coimbra, 2010. Disponível em: <<http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2009010.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas 2013**. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta>> Acesso em: 15 de mar. 2014.

MELO, Elza Machado et al. A violência rompendo interações, as interações superando a violência. Recife: **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**, nº 7 (1): p. 89-98, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Col. Temas Sociais, 14ªed. Ed. Vozes, 2002.

MOURA, Patrícia Fabiana. **Da favela ao residencial: reassentamentos populares e modos de vida**. Monografia (Conclusão de curso). 2009. 67f. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Belo Horizonte.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. **Mobilidade psicossocial: A história de Nil na cidade vivida**. Dissertação (Mestrado). 2004. 146f. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia. Belo Horizonte.

PEREIRA, Cristiane Alexandre Lima. **A resiliência e vulnerabilidade ao stress numa população sem-abrigo**. Dissertação (Mestrado). 2009. 105f. Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. Porto Alegre: **Rev. Paidéia**, nº 17(36), p. 9-20, 2007.

POLETTI, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Campinas: **Rev. Estudos de Psicologia**, nº 25(3), p. 405-416, jul-set de 2008.

SILVEIRA, Daniel Rocha; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. Campinas: **Rev. Estudos de Psicologia**, 25(4) p. 567-576, out – dez de 2008.

WAISELFIS, Julio Jacobo. **Homicídios e juventude no Brasil**. Mapa da Violência. UNESCO/Instituto Ayrton Senna. Brasília: 2013.

WAISELFIS, Julio Jacobo. **Juventude Viva: os jovens do Brasil**. Mapa da Violência. UNESCO/Instituto Ayrton Senna. Brasília: 2014.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família**. Maringá: *Rev. Psicologia em Estudo*, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

YUNES, Maria Ângela Mattar; GARCIA, Narjara Mendes; ALBUQUERQUE, Beatriz de Mello. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. Porto Alegre: **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), p. 444-453, 2007.